

A EQUOTERAPIA COMO MÉTODO TERAPÊUTICO PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Isabella Rodrigues Roldão Martins¹, Oswaldo Jesus Rodrigues da Motta². A equoterapia como tratamento para crianças com transtorno do espectro autista (tea). Revista Saúde Dinâmica, vol. 4, núm. 1, 2022. Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga.

**SAÚDE DINÂMICA – Revista Científica Eletrônica
FACULDADE DINÂMICA DO VALE DO PIRANGA**

10ª Edição 2022 | Ano IV – nº 1 | ISSN – 2675-133X

1º semestre de 2022

A equoterapia como tratamento para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Equoterapia as a treatment for children with autism spectrum disorder (asd)

Isabella Rodrigues Roldão Martins¹, Oswaldo Jesus Rodrigues da Motta²

¹Discente da Pós-graduação Lato Sensu em Preceptoria na área da Saúde, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga

²Docente da Pós-graduação Lato Sensu em Preceptoria na área da Saúde, Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga

Autor correspondente: bellarm@live.com

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por transtornos na comunicação, socialização e por comportamentos restritos e repetitivos. Dentre os tratamentos recomendados para pessoas com o transtorno está a equoterapia, um recurso que utiliza o cavalo como meio terapêutico e que promove melhorias da qualidade de vida de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais. Através de uma pesquisa bibliográfica, o objetivo deste trabalho foi verificar os efeitos da equoterapia em crianças com TEA. Concluiu-se que o método tem benefícios a nível psíquico e motor, como melhor desenvolvimento do bem-estar, autoestima, autoconfiança e melhora da postura e coordenação motora.

Palavras-chave: *Cavalo, Criança, Equoterapia, Transtorno do Espectro Autista.*

Abstract

Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that is characterized by communication disorders, socialization, and restricted and repetitive behaviors. Among the recommended treatments for people with the disorder is equine therapy, which is a resource that uses the horse as a therapeutic means and promotes improvements in the quality of life of people with disabilities and / or special needs. It was concluded that the treatment had psychic and motor benefits, such as improved well-being, self-esteem, self-confidence and improved posture and motor coordination.

Key words: *Autistic Spectrum Disorder, Children, Equine therapy, Horse.*

INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta aproximadamente 70 milhões de pessoas no mundo inteiro. Uma em cada 160 crianças, isto é, cerca de 1% da população, apresenta o Transtorno do Espectro do Autismo, que tem início na infância e persiste durante toda a vida (ONU, 2017).

Atualmente usa-se a nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (TEA) para englobar categorias anteriormente descritas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - IV (DSM-IV) como Transtorno Autista, Transtorno de Asperger, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Global de Desenvolvimento não Especificado.

O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por prejuízos na comunicação, interação social e por comportamentos restritos e repetitivos. Esses sintomas “estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário.” (DSM-V, 2014, p. 53).

De acordo com Fuentes et. al. (2014), o prejuízo social está associado mesmo nas formas mais brandas do transtorno. Assim sendo, os pais deveriam ficar atentos por volta dos dois primeiros anos de vida da criança, quando percebem que a linguagem ou desenvolvimento social apresentam algum atraso ou inadequação.

A equoterapia é um recurso que chegou ao Brasil em 1971, e, desde então, o método vem sendo estudado e cada vez mais procurado. Os benefícios da equoterapia para o tratamento de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista são pouco explorados, no entanto sabe-se que esse método auxilia no bem-estar, autoestima e autoconfiança das pessoas que buscam pelo tratamento. Segundo a Associação Nacional de Equoterapia - ANDE-BRASIL (2019), as pessoas que procuram pelo método são chamadas de “praticantes” de equoterapia.

A equoterapia é um método terapêutico para pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais que utiliza o cavalo visando o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, pois o contato com o animal promove melhorias a nível psíquico, físico e social. A equoterapia é uma atividade que exige que o corpo trabalhe como um todo, contribuindo assim para o fortalecimento muscular, coordenação motora, equilíbrio e saúde mental (ANDE-BRASIL, 2019).

É importante ressaltar que os trabalhos publicados a respeito do desenvolvimento da pessoa com TEA na equoterapia são escassos, e isso justifica o investimento em novos estudos para corroborar com as pesquisas já existentes e respaldar o tratamento da equoterapia para pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.

MATERIAIS E MÉTODOS

A revisão da literatura foi realizada a partir da consulta às bases de dados BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PubMed e Scielo. Os descritores pesquisados foram “equoterapia e autismo”, “equoterapia”, “autismo”, “autism and horse” e “autism and equine therapy”. A busca resultou em 39.983 citações (Quadro 1). Desse total, foram selecionados 20 estudos com data de publicação entre 2003 e 2019. Pôde-se notar que as pesquisas sobre esse tema são escassas, por isso também foram consultadas literaturas relativas ao assunto em estudo, as quais possibilitaram que esse trabalho tomasse forma para ser fundamentado. O critério de elegibilidade dos materiais foi a familiaridade com o tema proposto.

Quadro 1. Resultado da busca nas plataformas BVS, PubMed e Scielo.

Termo Pesquisado	BVS	PubMed	Scielo
Equoterapia e Autismo	22	0	0
Equoterapia	327	22	19
Autismo	38.571	262	598
Autism and horse	39	47	0
Autism and equine therapy	36	40	0

Quadro 2. Relação dos 20 trabalhos selecionados pela revisão bibliográfica.

Trabalho e Referência	Método de Pesquisa	Conteúdo Abordado
ANDE-BRASIL, Associação Nacional de Equoterapia	Pesquisa descritiva	O que é equoterapia.
ANDE-BRASIL, Associação Nacional de Equoterapia	Pesquisa descritiva	A prática na equoterapia.
ANDERSON, Sophie; MEINTS, Kerstin. Brief Report: The Effects of Equine-Assisted Activities on the Social Functioning in Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder.	Estudo de caso	Efeitos da equoterapia em crianças com TEA.
BENDER, D. D.; GUARANY, N. R.; Efeito da Equoterapia no Desempenho Funcional de Crianças e Adolescentes com Autismo	Estudo de caso	Efeitos da equoterapia no desempenho funcional de crianças com TEA.
BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais.	Revisão da Literatura	A importância do diagnóstico e tratamento precoces do autismo.
Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas	Pesquisa descritiva	O que é o TEA.
FADDA, Gisella Mouta; CURY, Vera Engler. O enigma do Autismo: Contribuições sobre a etiologia do transtorno.	Revisão da Literatura	Aprofundar a compreensão a respeito do transtorno.
FERRARI, Juliana Prado. A prática do psicólogo na equoterapia.	Estudo de Caso	Entender a prática do psicólogo no ambiente de equoterapia.
FREIRE, Heloisa Bruna; ANDRADE, Paulo Renato; MOTTI, Glauce Sandim. Equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas.	Estudo de caso	Avaliação das possibilidades da equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas..
FUENTES, Daniel et al. Neuropsicologia: teoria e prática.	Pesquisa descritiva	O que é o autismo.
GABRIELS, Robin L. et al. Long-Term Effect of Therapeutic Horseback Riding in Youth With	Estudo de caso	Examinar se há melhorias significativas de irritabilidade, hiperatividade,

Autism Spectrum Disorder: A Randomized Trial.		comportamentos sociais e de comunicação em crianças com TEA.
GRANDIN, Temple. Case Study: How Horses Helped a Teenager with Autism Make Friends and Learn How to Work.	Estudo de caso	Avaliar o modo como os cavalos podem auxiliar os adolescentes com TEA a se socializarem.
LAMPREIA, Carolina. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo.	Revisão da Literatura	Análise de alguns programas de intervenção precoce que seguem a perspectiva desenvolvimentista.
DSM-5. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.	Pesquisa descritiva	O que é o TEA.
ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). OMS afirma que o autismo afeta uma em cada 160 crianças no mundo.	Pesquisa descritiva	População com TEA no mundo.
PERANZONI, Vaneza Cauduro et al. Equoterapia: Parceria Easa e Unicruz.	Revisão da Literatura	A importância da equoterapia como método terapêutico e educacional.
SRINIVASAN, Sudha M.; CAVAGNINO, David T.; BHAT, Anjana N.. Effects of Equine Therapy on Individuals with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review	Revisão da Literatura	A evidência dos efeitos positivos da equoterapia na percepção motora e cognitiva.
TRZMIEL, Tomasz et al. Equine assisted activities and therapies in children with autism spectrum disorder: A systematic review and a meta-analysis.	Revisão da Literatura	Avaliar a eficácia da equoterapia em pacientes com TEA.
UNTOIGLICH, Gisela. As oportunidades clínicas com crianças com sinais de autismo e seus pais.	Estudo de caso	Reflexões acerca do trabalho clínico com crianças com sinais clínicos de autismo e seus pais.
VISANI, Paola; RABELLO, Silvana. Considerações sobre o diagnóstico precoce na clínica do autismo e das psicoses infantis.	Estudo de caso	Considerações sobre o diagnóstico precoce na clínica do autismo e das psicoses infantis.

Fonte: pesquisa bibliográfica realizada pelos autores.

O Quadro 2 apresenta uma síntese dos 20 estudos relacionados de acordo com o tema abordado. Cada trabalho foi classificado nas seguintes categorias: (I) Estudo de Caso; (II)

Revisão da Literatura e (III) Pesquisa Descritiva. Cada uma dessas categorias é explicada a seguir.

- i. Estudo de Caso:** trabalhos que realizam uma investigação aprofundada de um ou mais objetos de estudo particulares, a fim de verificar se a hipótese levantada na elaboração de uma solução para os problemas desses cenários. Pode ser reutilizada na elaboração de soluções em cenários de pesquisa semelhantes;
- ii. Revisão da Literatura:** trabalhos que fazem um levantamento, às vezes exaustivo, da literatura científica relacionada ao tema de estudo em questão, de modo a providenciar à comunidade um panorama geral do estado-da-arte e as possíveis lacunas para futuras pesquisas.
- iii. Pesquisa Descritiva:** textos, literaturas e estudos que têm por objetivo descrever as características do tema EQUOTERAPIA e AUTISMO, considerados úteis para a contextualização do problema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA)

As primeiras observações clínicas a respeito do autismo foram feitas por Kanner em 1943, e ele supôs que o transtorno tivesse origem biológica, mas também que a família fosse a causa para o problema devido à falta de apego causado pelas gestações indesejadas, pais frios, inexpressivos, introvertidos e sem criatividade (KANNER, 1943 apud FADDA; CURY, 2016).

Hans Asperger, em 1944, definiu como “psicopatia autista” crianças que apresentavam sintomas de “falta de empatia, ingenuidade, pouca habilidade de fazer amigos, linguagem pedante ou repetitiva, comunicação não verbal pobre, interesse desmedido por certos temas e inabilidade motora e má coordenação” (ASPERGER, 1944 apud UNTOIGLICH, 2013, p. 544).

No primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais (DSM), em 1952, o transtorno foi nomeado de “Reação Esquizofrênica de Tipo Infantil”. No DSM-II, foi lançado em 1980, foi incluída uma categoria com o nome “Autismo Infantil”. Já no DSM-III, de 1987, esse termo é substituído por “Transtorno Autista”. Em sua quarta edição, em 1994, foi

adicionado no DSM o termo “Transtorno Global do Desenvolvimento”, que incluía as categorias Transtorno Autista, Transtorno de Asperger, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância e Transtorno Global de Desenvolvimento não Especificado (UNTOIGLICH, 2013).

No DSM-V, de 2013, foi incorporado o termo “Transtorno do Espectro Autista (TEA)” para substituir as categorias anteriormente citadas, e conforme apresentado nessa edição, a pessoa com Transtorno do Espectro Autista apresenta sintomas no comprometimento de áreas específicas do desenvolvimento, como prejuízos persistentes na comunicação social recíproca, interação social, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (DSM-V, 2014).

O transtorno é três ou quatro vezes mais frequente em meninos que em meninas. Os sintomas devem estar presentes desde o início da infância, nos primeiros três anos, porém o diagnóstico pode ser feito em qualquer fase da vida (CID-10, 1993). Apesar disso, atualmente se fala na intervenção e diagnóstico precoce no quadro de autismo, que não apenas aumentam as possibilidades de tratamento, como também minimizam os sintomas (VISANI; RABELLO, 2012).

A identificação dos sintomas de TEA pode ser feita a partir dos 18 meses de idade, através da observação de “dificuldades específicas na orientação para estímulos sociais, contato ocular social, atenção compartilhada, imitação motora e jogo simbólico” (BARON-COHEN et. al., 1992 apud LAMPREIA, 2007, p. 106).

Nos dias atuais, muitos estudiosos dedicam-se a pesquisas que envolvam Transtorno do Espectro Autista a fim de buscar tratamentos eficientes para reduzir os sintomas do transtorno e minimizar o sofrimento vivido pelas famílias que não entendem o que acontece com seus filhos (FADDA; CURY, 2016).

Tratamentos para o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Existe hoje uma variedade de tratamentos disponíveis para o transtorno, desde os de abordagem individual, até os de abordagem multidisciplinar. De acordo com Bosa (2006), a eficácia do tratamento depende da experiência e do conhecimento dos profissionais acerca do quadro clínico do paciente com TEA. Ainda segundo essa autora, para crianças pequenas com

o diagnóstico, prioriza-se terapias que desenvolvem a comunicação, interação social e educação diferenciada. Para adolescentes, as prioridades são grupos de habilidades sociais, terapia ocupacional e sexualidade. Com adultos, deve-se trabalhar questões como opções de moradia e autonomia dentro de casa.

É importante ressaltar que o TEA não tem cura, porém os tratamentos oferecidos podem minimizar e suavizar os sintomas das pessoas com o transtorno. Segundo Trzmiel (2019), terapias educacionais, comportamentais e farmacoterápicas auxiliam na redução de sintomas.

Segundo Bosa (2006), qualquer tratamento para o Transtorno do Espectro Autista deve estimular o desenvolvimento social e comunicativo, aprimorar o aprendizado e a capacidade de solucionar problemas, diminuir comportamentos que interferem com o aprendizado e com o acesso às oportunidades do cotidiano e ajudar as famílias a lidarem com o diagnóstico.

Frequentemente os pais de crianças com TEA buscam por métodos de tratamentos complementares e alternativos, procurando uma melhor qualidade de vida para seus filhos. Dentre essas possibilidades está a equoterapia, que entra como apoio à abordagem clássica, e oferece todos os estímulos citados anteriormente.

A equoterapia

A equoterapia é uma prática que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, com técnicas de equitação e atividades equestres que tem como objetivo o desenvolvimento biopsicossocial e a reabilitação de pessoas com deficiências físicas ou mentais e/ou necessidades especiais, como lesões neuromotoras de origem encefálica ou medular, patologias ortopédicas congênitas ou adquiridas, disfunções sensorio-motoras e distúrbios evolutivos, comportamentais, de aprendizagem e emocionais (ANDE-BRASIL, 2012).

Para atender melhor às necessidades e individualidades de cada praticante, a ANDE-BRASIL (2012) dividiu a equoterapia em quatro programas básicos: Hipoterapia, Educação/Reeducação, Pré-esportivo e Prática Esportiva Paraequestre. O programa de Hipoterapia é voltado para as pessoas com deficiência física e/ou mental, e o tratamento acontece quando o praticante não tem condições de se manter sozinho no cavalo. Dessa maneira a equipe básica dá o suporte e segurança necessários ao lado do mesmo. Nesse caso, o cavalo é usado como agente cinesioterapêutico.

O Programa de Educação/Reeducação também pode ser aplicado na área de reabilitação, e, nesse caso, o praticante depende em menor grau da equipe básica, pois tem condições de exercer alguma função, podendo interagir com o cavalo. Esse, por sua vez, atua como agente pedagógico, ou seja, ainda não é um instrumento de hipismo e atua como um facilitador do processo ensino-aprendizagem. No Programa Pré-Esportivo, o cavalo é usado como agente de inserção social, e nessa condição o praticante é preparado para realizar exercícios de equitação e hipismo que visam a melhoria da qualidade de vida e sua reinserção social. A Prática Esportiva Paraequestre visa preparar a pessoa com deficiência para competições paraequestres, sendo que nessa modalidade busca-se a inserção social, o prazer pelo esporte, a melhoria da autoestima, bem-estar, autoconfiança e qualidade de vida (ANDE-BRASIL, 2012).

A equipe básica de um centro de equoterapia deve ser composta por um psicólogo, um fisioterapeuta e um equitador. A essas pessoas são atribuídas funções de auxiliar-guia, para condução do cavalo, e auxiliares-laterais, para proporcionar segurança ao praticante (ANDE-BRASIL, 2012). Na equipe multidisciplinar também podem haver profissionais com papéis decisivos para se criar uma visão global do praticante, como fonoaudiólogos, médicos, pedagogos, terapeutas ocupacionais e educadores físicos. (FERRARI, 2003).

Na equoterapia, o psicólogo deve ser capaz de reconhecer as necessidades, limites e potencialidades do praticante, assim como dar suporte à sua família (FERRARI, 2003). O fisioterapeuta deve avaliar clinicamente o praticante e traçar o diagnóstico fisioterapêutico e seus objetivos. O equitador tem a função de conduzir os cavalos, evitando que possíveis acidentes aconteçam. O profissional da fonoaudiologia deve propor a melhora da comunicação, utilizando os recursos do ambiente equoterápico. O pedagogo auxilia nos processos de ensino-aprendizagem utilizando o cavalo como instrumento pedagógico. O médico é importante para a equipe para fazer a indicação do tratamento e detalhamento do diagnóstico dos participantes (PERANZONI et. al., 2013). O terapeuta ocupacional pode facilitar a participação dos praticantes nos cuidados com o animal, estimulando habilidades necessárias para atividades de vida diária (BENDER E GUARANY, 2016).

A prática equoterápica proporciona um bom equilíbrio emocional e corporal, orientação espacial, desenvolve a estrutura corporal e facilita a adaptação ao meio (TAVARES, 1998 apud FREIRE; ANDRADE; MOTTI, 2005). Além disso, pode-se incluir como benefícios da prática a melhora da auto-estima e autoconfiança, sensação de bem-estar, condições para desenvolver

vínculos, desenvolvimento psicomotor, aquisição de autonomia, estimulação da linguagem e da área sensório-perceptiva, socialização, autocontrole e reinserção social (ANDE-BRASIL, 2012).

Além de ganhos a nível psíquico, a equoterapia proporciona benefícios a nível motor, como controle de postura, normalização dos tônus musculares, melhoria da coordenação motora, redução do espasmo, estimulação tátil e vestibular, aprendizagem de movimentos rítmicos, aquisição de equilíbrio e autoconsciência motora corpórea (FREIRE; ANDRADE; MOTTI, 2005).

O indivíduo com Transtorno do Espectro Autista na equoterapia

O comportamento agressivo é característico de algumas crianças com TEA, e no estudo feito por Trzmiel et. al. (2019), foi constatado que os níveis de agressividade das mesmas baixaram após o tratamento com os cavalos. Também foi verificado que o tratamento traz melhor estabilidade e parâmetros posturais em crianças com TEA, além de melhora da simetria muscular, estabilidade da cabeça e tronco, função motora e estabilidade. Nesse estudo constatou-se que a equoterapia traz benefícios como confiança, autoestima, autocontrole, habilidades de enfrentamento e diminuição de comportamentos indesejáveis em adolescentes saudáveis.

Na pesquisa feita por Gabriels et. al. (2018) foi feito um acompanhamento durante seis meses de pessoas com TEA no ambiente de equoterapia e foi comparado com pessoas com TEA sem contato com o cavalo. Esse estudo mostra que o grupo que fazia a atividade de equoterapia apresentou melhorias mais significativas nos comportamentos de irritabilidade, hiperatividade, cognição social e comunicação em comparação ao grupo que não participou da equoterapia. Esses resultados propõem que a terapia com cavalos pode induzir uma redução nos estados de excitação, auxiliando na redução do estresse e ansiedade em jovens com TEA.

O estudo de Srinivasan, Cavagnino e Bhat (2018), foi uma revisão sistemática que teve como objetivo avaliar a qualidade e a quantidade de evidências que comprovam se a equoterapia é um bom recurso terapêutico para crianças com TEA. Essa revisão foi baseada em 15 estudos sobre o tema, e foi concluído que a equoterapia traz efeitos positivos consistentes e confiáveis

na mudança comportamental de crianças com TEA. No entanto, para obter-se resultados consideráveis é necessário que a terapia com cavalos aconteça pelo menos por um mês, embora resultados ainda melhores só possam ser vistos no período de três a seis meses de tratamento. Segundo os autores, quanto maior o tempo de duração do tratamento, maior será a interação do indivíduo com o cavalo e melhor será a superação da ansiedade associada a novas atividades.

Anderson e Meints (2016) avaliaram o funcionamento social de crianças e adolescentes em um programa de cinco semanas de equitação terapêutica e os resultados demonstraram que houve uma redução positiva nos traços de comportamento desadaptativo e uma melhora na empatia, porém não demonstrou melhora significativa nos comportamentos gerais de comunicação e socialização. Essa pesquisa também concluiu que o tratamento com cavalos não alivia os sintomas do TEA, mas contribui para seu bem-estar geral e saúde psicológica.

Um estudo de caso feito por Grandin (2019), demonstrou que atividades com cavalos melhoram a comunicação e o engajamento social, pois auxiliam na interação, e dessa maneira, através dos interesses em comum, as pessoas que praticam a equoterapia têm mais facilidade para fazer amigos. Nesse estudo específico, o indivíduo foi responsável por limpar as baias dos cavalos, assim como alimentar e coloca-los dentro e fora do celeiro todos os dias. Dessa forma, concluiu-se que o contato com o animal gerou habilidades de trabalho e responsabilidades no praticante.

CONCLUSÃO

De acordo com a pesquisa realizada, pôde-se notar que a equoterapia promove a melhoria do bem-estar, autoestima e autoconfiança para os indivíduos com TEA. Notou-se também que ela pode auxiliar no desenvolvimento em relação à postura e coordenação motora dos indivíduos, demonstrando que a equoterapia é uma terapia do tipo biopsicossocial, pois engloba melhorias em todas as áreas.

Apesar de haver a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, os resultados propõem que a equoterapia pode ter efeitos positivos no tratamento de crianças com TEA. Sugere-se que

novas pesquisas sejam realizadas para comparar com este estudo e respaldar a estratégia como um recurso útil e benéfico para crianças com Transtorno do Espectro Autista.

REFERÊNCIAS

ANDE-BRASIL, Associação Nacional de Equoterapia. Disponível em: <http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/142/2022>. Acesso em: 12 de março de 2019.

ANDE-BRASIL, Associação Nacional de Equoterapia. In: **Apostila Curso Básico de Equoterapia**. Teresópolis, 2012.

ANDERSON, Sophie; MEINTS, Kerstin. Brief Report: The Effects of Equine-Assisted Activities on the Social Functioning in Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder. **Rev J Autism Dev Disord.**, A, v. 10, n. 46, p.3344-3352, out. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/27457363>>. Acesso em: 08 set. 2019.

BENDER, D. D.; GUARANY, N. R.; Efeito da Equoterapia no Desempenho Funcional de Crianças e Adolescentes com Autismo. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/rto/article/view/114667/122813>>. Acesso em: 05 set. 2019.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Porto Alegre, p.47-53, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v28s1/a07v28s1.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.

FADDA, Gisella Mouta; CURY, Vera Engler. O ENIGMA DO AUTISMO: CONTRIBUIÇÕES SOBRE A ETIOLOGIA DO TRANSTORNO. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 3, n. 21, p.411-423, jul./set. 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/2871/287148579006/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

FERRARI, Juliana Prado. **A PRÁTICA DO PSICÓLOGO NA EQUOTERAPIA**. 2003. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.sld.cu/galerias/pdf/sitios/rehabilitacion-equino/psicologia.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FREIRE, Heloisa Bruna; ANDRADE, Paulo Renato; MOTTI, Glauce Sandim. **Equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas**. Multitemas, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.multitemas.ucdb.br/article/view/709>>. Acesso em: 09 abr. 2019.

FUENTES, Daniel et al. **Neuropsicologia: teoria e prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 432 p.

GABRIELS, Robin L. et al. Long-Term Effect of Therapeutic Horseback Riding in Youth With Autism Spectrum Disorder: A Randomized Trial. **Front. Vet. Sci**, Aurora, 16 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fvets.2018.00156/full>>. Acesso em: 31 ago. 2019.

GRANDIN, Temple. Case Study: How Horses Helped a Teenager with Autism Make Friends and Learn How to Work. **Int J Environ Res Public Health**, Fort Collins, v. 13, n. 16, jul. 2019. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6650820/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

LAMPREIA, Carolina. A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção precoce no autismo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 1, n. 24, p.105-114, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/estpsi/v24n1/v24n1a12.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et. al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et. al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 948 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **OMS afirma que o autismo afeta uma em cada 160 crianças no mundo**. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2017/04/1581881-oms-afirma-que-autismo-afeta-uma-em-cada-160-criancas-no-mundo>> Acesso em 23 de março de 2019.

PERANZONI, Vaneza Cauduro et al. EQUOTERAPIA: PARCERIA EASA E UNICRUZ. **Revista de Extensão da Universidade de Cruz Alta**, Cruz Alta, v. 1, n. 5, p.261-276, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/Cataventos/article/view/221/206>>. Acesso em: 05 set. 2019.

SRINIVASAN, Sudha M.; CAVAGNINO, David T.; BHAT, Anjana N.. Effects of Equine Therapy on Individuals with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review. **Rev J Autism Dev Disord**, v. 2, n. 5, p.156-175, jun. 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/30319932>>. Acesso em: 06 set. 2019.

TRZMIEL, Tomasz et al. Equine assisted activities and therapies in children with autism spectrum disorder: A systematic review and a meta-analysis. **Complementary Therapies In Medicine**, [s.l.], v. 42, p.104-113, fev. 2019. Elsevier BV. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/30670226>>. Acesso em 05 set. 2019.

UNTOIGLICH, Gisela. As oportunidades clínicas com crianças com sinais de autismo e seus pais. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 18, n. 3, p. 543-558, dez. 2013 Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 abr. 2019.

VISANI, Paola; RABELLO, Silvana. Considerações sobre o diagnóstico precoce na clínica do autismo e das psicoses infantis. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 293-308, jun. 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/2330/233022805006/>>. Acesso em: 1 abr. 2019.

Declaração de Interesse

Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse

Financiamento

Financiamento próprio

Colaboração entre autores

O presente artigo foi escrito pela I.R.R.M. sob orientação do professor O.J.M., projetado e concluído no Programa de Pós Graduação Latu Sensu em Preceptoría na área da Saúde da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga (FADIP). Ambos os autores cuidaram da parte dissertativa do artigo.